

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## PARA QUE SERVE A FILOSOFIA?

*Em um mundo tão acelerado como aquele em que vivemos, é difícil parar para ouvir aqueles que estão à nossa volta no dia a dia. Mais difícil ainda é sentar-se e escutar o que os sábios filósofos tinham - e ainda têm - a nos dizer. A leitura de uma obra pode, sim, ser considerada uma espécie de diálogo: um encontro com o autor por meio de seus escritos, seja pela literatura, seja pela boa e velha filosofia. O hábito da leitura nos permite sair de nossa realidade atribulada e sermos transportados para um debate com Sócrates, uma aula de Aristóteles ou uma conferência ministrada por Heidegger em pessoa. Ler é ouvir o que os sábios têm a nos dizer, e eles têm muito a dizer. Contudo, a filosofia não consiste apenas em ouvir, mas também em*



*dialogar: dialogar com essas grandes figuras que já se foram, mas que continuam vivas em suas ideias e assim permanecerão por séculos. Ao lermos um texto o autor está nos convidando a debater suas ideias, mesmo que ele não possa nos ouvir, outras pessoas podem. Isso também é um ato de filosofar e a busca pela sabedoria que os gregos tanto falavam. A leitura deve ser uma ferramenta instrumental para compreender a realidade, não apenas para entender o texto em si, mas o desejo de saber. Ouçamos o que os vivos e os mortos têm a nos dizer. Autores: Luis, Wanessa Santos.*

"OUÇAMOS O QUE OS VIVOS E OS MÓRTOS TÊM A NOS DIZER"

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## OLHAR POPULAR

*Há dois genocídios acontecendo no oriente médio: o palestino e o curdo. Além da grande mídia manipular os acontecimentos na Palestina, o que mais impressiona quanto à condição no Rojava é o silêncio absoluto, salvo de organizações como MST e grupos anarquistas. O Rojava é uma área de maioria curda que se separou do controle oficial do governo sírio de Bashar al-Assad durante a Guerra Civil Síria. Baseado no “confederalismo democrático”, segue sofrendo ataques de todos os lados, ocasionando em milhares de vítimas. Nesse cenário, esse silêncio demonstra que há existências que vivem na consciência global, que tem seu sofrimento notado e discutido; enquanto, por outro lado, a invisibilização do sofrimento curdo, evidencia como disputas geopolíticas moldam o que é amplificado ou ignorado. Reconhecer essas dinâmicas é fundamental para qualificar o debate o*



*debate público e construir uma compreensão crítica sobre os conflitos no Oriente Médio. Falar de Rojava, portanto, não é disputar qual sofrimento merece mais atenção, mas recusar a lógica que transforma algumas vítimas em manchete e outras em nota de rodapé. Enquanto houver povos esquecidos, a barbárie seguirá encontrando abrigo no silêncio. Dar nome ao que acontece com os curdos é romper esse silêncio e lembrar que nenhuma vida deveria depender de conveniências políticas para ser considerada digna de luto, memória e justiça. Autores: Caique Augusto, Guilherme Ferreira, Leonardo Bergamo.*

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

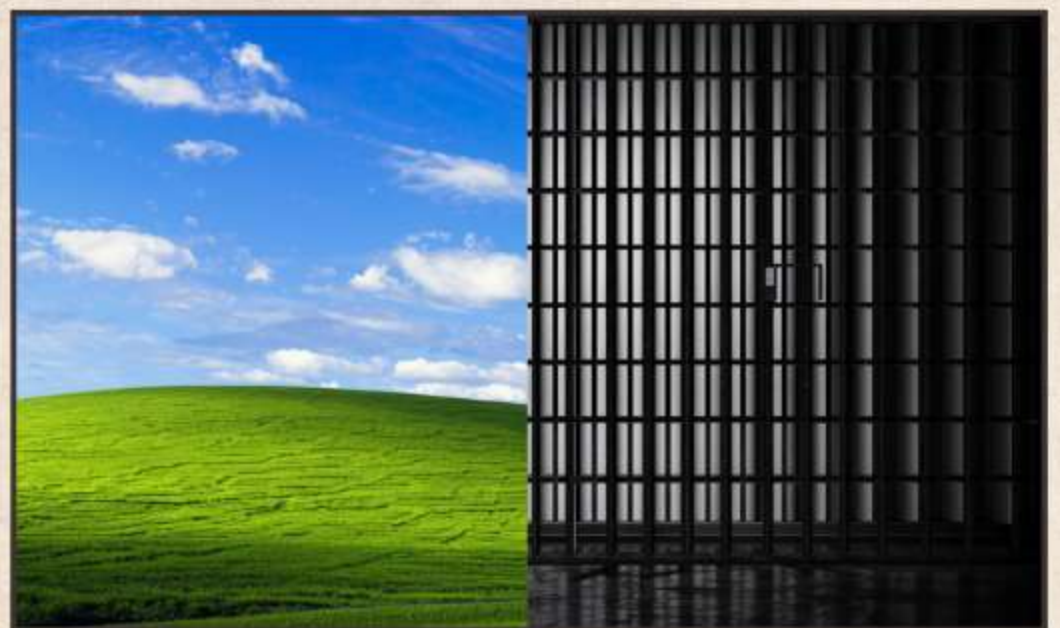
@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## FOGO OU FUMAÇA?

*Dizemos que somos livres. Livres para escolher, amar, ir e vir, construir a própria vida. É quase um mantra: “faça suas escolhas”, “seja quem você quiser”. E a gente acredita. Ou pelo menos aprende a acreditar. Mas, se observarmos com cuidado, será que a liberdade é mesmo nossa? Acordamos e pegamos o celular. O que vemos ali já foi escolhido por alguém, algum algoritmo, alguma lógica invisível que entende mais dos nossos hábitos do que nós mesmos. As músicas, os vídeos, até mesmo os pensamentos, surgem de um lugar que não é exatamente nosso, mas que se apresenta como se fosse. E então a gente escolhe. Escolhe o que vestir, o que postar, o que consumir, quem amar. Mas escolhe dentro de um cardápio já montado. A liberdade não desaparece. Ela só muda de forma. Fica mais sofisticada, mais bonita, mais aceitável. Não é mais a ausência*

*de escolha, é o excesso dela. Um excesso que confunde, cansa e, no fundo, conduz. A gente sente que está no controle. Será? Talvez o mais inquietante não seja a falta de liberdade, mas a ilusão dela. Porque quando acreditamos que somos livres, deixamos de questionar. E quando deixamos de questionar, aceitamos. E aí a fumaça sobe, leve, quase imperceptível, mas constante. E o fogo? Onde está o fogo da escolha real, daquela que rompe, desvia, cria algo que ainda não estava previsto? Se cada passo da nossa liberdade já foi antecipado, ainda é um ato nosso, ou é o controle mais bem disfarçado que já existiu? Autoria: Bruno Soares e Rafaela Rodrigues.*



# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## VOCÊ CONHECE?

*Quando passamos a estudar e conhecer mais sobre Filosofia, logo nos deparamos com inúmeros pensadores que tentaram definir o que é filosofia e o que é filosofar. Em meio à essas discussões, surge uma questão importante: a Filosofia tem um gênero? Segundo a filósofa argentina Alicia Helga Puleo (1952), há diversos tipos de discursos que legitimam a desigualdade de gênero, como os discursos religiosos, mitológicos, científicos, mas também, os filosóficos. Estes discursos filosóficos validam a desigualdade entre os sexos tanto quando produzem ideias misóginas sobre as mulheres (como é o caso de Schopenhauer), assim como quando não as incluem nos seus projetos filosóficos que influenciam a organização do real, como se elas não constituíssem metade da humanidade, sendo o caso de Kant, Hegel e Aristóteles. A filósofa enxerga na*



*filosofia um caráter ideológico que encobre relações de poder, o qual sustenta a ideia de um cânone onde só se insere a masculinidade - assim só o Homem seria detentor da razão. A superação desse caráter ideológico, advém justamente da força crítica que a Filosofia possui. E deste modo, para romper com essa filosofia sexista, Puleo então propõe quatro passos para enfrentar essa questão: 1) Genealogia e Desconstrução, 2) Constituição de um corpus filosófico não-sexista; 3) Reconhecimento das Filósofas, 4) Debates internos que mostram a força do pensamento feminista no âmbito da filosofia. Autor/a: Samuel Cardoso e Yohana Almeida.*

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## LABIRINTO

Ajude Kafka a encontrar o inseto que representa o personagem principal de sua obra "A Metamorfose":



Franz Kafka



Autora: Flavia

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## ARRUAÇA

*Racionais MC's, A Vida é Desafio*

*“O sistema limita nossa vida de tal forma. E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver. Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso. Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido. Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico... Quem não trabalha é vagabundo, se fica doente, bom, não é o fim do mundo. Brasileiro bom é o pobre, que trabalha, para ganhar migalha. Aquele que se esforça pra um dia, realizar o sonho do patrão, que ganha dinheiro sem levantar a mão. Oh meu povo, a escravidão já passou, se você não tem nada é porque não se esforçou, o meu povo é tão sonhador, estudo para quê? Se a vida é um desafio, como decidir meu destino? Oh meu Brasil, Brasil brasileiro, sente fome? Necessidade? Olhe para frente, e tenha coragem, não importa se sua estrada é a mais longa, ou a mais difícil, pois aquele de terno, o que faz as leis, não quer ver o mundo, com nitidez.*

*A esteira da sociedade, não é para todos, mais uma vez penso, o nosso peso é mais extenso”.*

*Apenas um trecho de um extenso manifesto sobre a realidade brasileira. A arte é um reflexo das realidades, e quem a faz importa. Não se separa o artista da obra quando o que o acompanha não representa a maioria. Autoras: Nathy e Brenda.*



# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## FILOSOFINHAS/OS

*Você já reparou como algumas crianças têm muitos brinquedos enquanto outras têm poucos? No mundo dos adultos, isso também acontece. Não com brinquedos, mas com dinheiro, casas e terras. Foi esse tipo de desigualdade que o filósofo Karl Marx analisou. Ele observou que muitas pessoas trabalham, trabalham e trabalham, mas o resultado do esforço fica nas mãos de poucos. Vamos pensar em um exemplo: imagine uma sala de aula em que todos criam um grande desenho. Cada aluno e aluna desenha um pouco, pinta, dá ideias... mas, no final, apenas o aluno que é filho do diretor da escola recebe todo o crédito. Parece justo? Marx pensaria que não! Para ele, se você trabalha na produção de algo, deveria ter uma parte justa do resultado. É como dividir os doces da Páscoa: em vez de Emanuel, Jorge e Rosa comprarem no mercado o chocolate que eles mesmos produziram, os três*



*deveriam ter o direito de desfrutar de uma parte do doce. Às vezes, diz-se que quem tem mais “merece” mais, como se a riqueza dependesse apenas do esforço individual. Mas será que isso é sempre verdade, se os bens são fruto do trabalho em conjunto? Isso não significaria que o trabalho é coletivo, enquanto a apropriação final é particular? Ou ainda: mesmo no mundo das crianças, algumas realmente merecem mais brinquedos do que outras? Autor/a: Thiago Stadler e Maria Lopes.*

# FAGULHA



EDIÇÃO N°18

@FAGULHA\_JORNAL

15 ABRIL 2026

## FILOSOFIA ILUSTRADA



AUTOR: JONAS.